

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Rafael Solinski

Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira”

Escola Técnica Estadual Bento Quirino

Campinas/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistador /Instituição: Américo Baptista Villela / Centro de Memórias “Orleide A. Alves Ferreira da Etec Bento Quirino

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Currículo Lattes do depoente. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/4375147826064393>, acesso em 25 de setembro de 2021. Página da Empresa <https://solinski.com.br/index.htm>

Elaboração do roteiro da pesquisa: Américo Baptista Villela

Local da entrevista: *online*

Data: 22 de abril de 2021

Técnico de gravação: Zoom Meeting

Duração: 30 minutos e 4 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritor: Américo Baptista Villela

Número de páginas: 14

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, proposto durante a capacitação Clube de Memórias XXXVI, realizado entre fevereiro e abril de 2021, envolvendo o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: início 30 de setembro de 2021 e término em 04 de outubro de 2021

Nome do transcritor: Américo Baptista Villela

Américo Baptista Villela (ABV): Bom dia, senhor Rafael Solinski. A presente entrevista é parte do projeto de História Oral desenvolvido pelo GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias e História da Educação Profissional - e tem como objeto a Educação Profissional e Empreendedorismo. Nesse sentido, peço ao senhor que se apresente para que possamos conhecê-lo melhor, nos informando data e local de nascimento, filiação, como se realizou sua formação escolar inicial até chegar a Escola Técnica Estadual Bento Quirino.

Rafael Solinski (RS): Bom dia professor, bom dia a todos. Ahn, meu nome é Rafael Solinski, tenho 33 (trinta e três) anos, sou um produto de 1988 (mil novecentos e oitenta e oito), eh, sou natural de Valinhos e tive uma infância bem interessante. Uma infância no sítio, uma propriedade rural e fiz a minha formação basicamente em escola pública. Então comecei desde lá do infantil, que era comum na minha época, nos anos 90 (noventa). Era comum estar na escola infantil, teve infantil1 (um), infantil 2 (dois), eu nem sei se existe mais, e, a partir do pré, eu estudei em uma unidade SESI. Na época também totalmente gratuita, só dependente de ter familiares na indústria em si. Isso eu fiz minha formação aqui em Valinhos, do pré até a oitava série, agora nono ano, quando tive a oportunidade de prestar o vestibular para a Escola Técnica Estadual Bento Quirino e o prazer de frequentá-la de 2003(dois mil e três) a 2005(dois mil e cinco)

ABV: Bom, Rafael, eh, qual fator foi o determinante para a escolha da Escola Técnica Estadual Bento Quirino? Bem como o curso que você realizou, né?

RS: Então perfeito professor, perfeito. Na verdade, sempre, eu vejo isso como sempre, a Escola Técnica Estadual Bento Quirino, o nosso famoso Bentão, palavra que a gente fala com tanto carinho, com tanto amor, de quem foi aluno, quem passou por lá. Desde que eu estudava no SESI nós tínhamos uma visão de que o Bentão, de que o Bento Quirino, era um colégio acolhedor e era um colégio que tinha uma liberdade de expressão, uma liberdade educacional muito alta. Eh, ele, antes de participar, mesmo antes de fazer parte,

de ser aluno, era isso que era passado para nós. Então, através de irmãos mais velhos, irmãs, pais que tinham frequentado o colégio falavam isso: que era uma escola muito aberta, uma escola com muita performance educacional. É uma coisa que eu sempre busquei, qualidade educacional, mas além da qualidade, da componente técnica muito alta, tinha essa característica de liberdade de expressão, essa característica de ser um colégio gostoso de se estudar. Um belo corpo docente, com uma estrutura gostosa, uma estrutura que você apreciava a educação em si. Então isso me encantou desde o começo, performance educacional e também a parte de liberdade de expressão, a parte de como o colégio se comportava como uma entidade viva. Para além disso, para escolher o curso técnico de eletrotécnica, eu sempre fui apaixonado por Matemática, por engenharia. Desde pequenininho, desde lá os meus 5 (cinco), 6(seis) anos de idade e aí, eu, o que sempre me chamou mais atenção, o que eu gostei mais, por algum motivo foi a parte de engenharia elétrica e telecomunicações. Na época o curso que mais me atendia, entre Técnico de Comunicações e Técnico de Eletrotécnica, era eletrotécnica, e assim eu fiz a minha escolha.

ABV: E há alguma relação entre o curso e o seu desempenho profissional posterior? Como é que você percebe isso?

RS: Total! Total! O curso técnico é um ponto de virada para qualquer profissional que queira seguir na carreira técnica, que seja gerencial técnica. Por quê? O curso técnico quando bem aplicado, e esse é o caso do Bento Quirino, quando bem aplicado, quando muito bem aplicado, ele mostra ao aluno como é realmente, como é uma área técnica, como aquilo funciona e principalmente quais são os cuidados que você deve tomar. Como você deve agir, principalmente, não só na componente técnica, mas na componente ética, na componente de técnica de trabalho, de operacionalidade. Então, o técnico, pelo menos para mim, ele foi maravilhoso, por quê? Porque ele me ensinou realmente como, a ser um profissional qualificado tecnicamente e me comportar como profissional. Então isso que foi maravilhoso pra mim pessoalmente, acho que pra todos da classe. Que os professores sempre pegavam muito forte nessa questão da ética profissional e da aplicação do conhecimento com ética e com responsabilidade. Então, na minha visão, o curso técnico, pra mim, eu acho que pra todos, ele vai muito além de profissionalizar. Ele profissionaliza e ele educa um profissional, ele monta um profissional como um todo, inclusive nas relações interpessoais. Eu não tenho nem como avaliar o quanto o curso técnico me ajudou na minha carreira profissional. Foi a minha primeira formação, formação profissional antes das universidades, dos mestrados, MBAs, e, ahh, é maravilhoso. Tanto que essa parte de

ética, essa parte de cunho, de responsabilidade profissional foi desenvolvida aí e foi algo que eu levei para a minha vida toda. Além de, um ou outro conhecimento que com o tempo, você se eleva profissionalmente em um nível muito maior, você acaba não usando mais aquele conhecimento mais técnico, mas essa parte da ética e da responsabilidade de ser um profissional, o que é ser um profissional? Isso é o que eu carrego para a minha vida toda e com certeza vou continuar carregando.

ABV: Rafael, então a gente observa aí pela sua fala, de certa maneira, o curso técnico, ele acabou sendo um alicerce que vai dar origem à uma construção. Fala um pouquinho pra mim, como é que foi esse seu desempenho escolar após a escola técnica?

RS: Perfeito. Sem dúvida, é um alicerce e é um alicerce para todas as áreas da vida. Realmente ele tem a componente técnica, a componente de relacionamento interpessoal e a componente de comportamento humano profissional. Após o curso técnico eu ingressei na Unicamp, em Campinas, na Faculdade Estadual de Campinas, na Unicamp, no curso de Matemática Aplicada, ahn, e continuei a minha carreira. Fiz Matemática aplicada depois Ciência da Computação, depois um mestrado em Matemática Teórica, mestrado em Engenharia de Telecomunicações, e mais alguns MBAs. Até porque, ahn, chegou num ponto da minha carreira profissional que eu vinha sempre na técnica, gerente técnico, cientista de desenvolvimento, cientista chefe de desenvolvimento, e chegou um ponto que eu quis diversificar e caminhar mais na parte gerencial, mas o curso técnico como base ajudou em tudo. Mesmo na faculdade de Matemática, mesmo na faculdade de Matemática que é algo bem ... que parece muito distante de eletrotécnica, técnico de eletrotécnica, mas ajudou bastante, principalmente, da base matemática aplicada no curso de eletrotécnica. Tem que dizer aplicada de forma a, de forma única, devido a, ao excelente nível dos professores. Então, sim, o curso de eletrotécnica ele me ajudou na minha formação acadêmica posterior de maneira 100 %“(cem por cento).

ABV: Perfeito Rafael. Ahn, na Escola Técnica Estadual Bento Quirino quais suas lembranças das aulas, das atividades práticas? Quais o senhor avalia que foram as mais significativas para o seu exercício profissional posterior?

RS: O que, o que eu sempre gostei muito no Bento Quirino, na Escola Técnica Bento Quirino, no curso, não só no curso técnico, eu gostaria de fazer esse comentário, não só no curso técnico, mas no ensino médio também, primeiramente, a possibilidade de participação. A abertura do aluno dar a sua opinião e participar. Mesmo no técnico, onde é

algo bem mais certo ou errado. Ahn, mas era dado essa possibilidade e era promovido, isso era feito uma propaganda muito grande para o aluno. Se expor, falar, comentar, pensar e isso eu acho muito importante e é algo que eu levo sempre, mas além disso, o que eu realmente sinto uma, um carinho muito grande, um orgulho de ter feito parte é essa questão da ética profissional. Também nas aulas práticas, os professores, quando nós íamos para os laboratórios, quando nós tínhamos aulas práticas, eles sempre tinham esse foco: ética, segurança, cuidado, entendimento do que acontece. O cuidado com a vida humana, o cuidado com a tecnologia e assim por diante. Então, isso é algo que me marcou muito, ahn, é até engraçado que eu, aparentemente eu falo, e aparentemente parece que eu..., o vertical técnico não é importante. Muito pelo contrário, o vertical técnico do Bento Quirino, ele, ele não tem comentários, ele é altíssimo, então, ninguém precisa, todo mundo sabe a qualidade dos técnicos que são formados, mas, pra mim, além disso, que é o que todo mundo sabe, vale a questão da ética profissional que é imposta. Isso nas aulas práticas também era muito passado, até por ser eletrotécnica e por ser algo que tem um risco. Então os professores sempre passavam isso, eles sempre tinham essa, esse transporte de responsabilidade e isso eu sempre achei fantástico e impressionante.

ABV: Rafael, me corrija se eu estiver errado, mas você é aluno de uma daquelas primeiras turmas, logo após que ocorreu o desvinculo entre o ensino médio e o ensino técnico? Eh...

RS: Sim!

ABV: Você fez o ensino médio e o ensino técnico na Bento Quirino?

RS: Felizmente, rsrsrs

ABV: E como é que você vê esta relação entre os dois cursos? Se comunicavam o pessoal do médio com o do técnico? Pra sua formação, como é que você pensa essa questão?

RS: É uma, é uma atribuição de um modelo muito interessante. Na minha época realmente era distinto, se eu não me engano foi em 2002 (dois mil e dois) que houve essa cisão e depois eu não sei se retornou ou não, mas eu sou do técnico de 2004(dois mil e quatro) a 2005(dois mil e cinco). Então sim, tinha essa cisão, porém no Bento Quirino, especificamente, existia uma sinergia muito alta entre o ensino médio e o ensino técnico. Então, pra mim, foi maravilhoso, foi o melhor modelo porque si, nós sentíamos que o colégio era uma unidade, era um organismo vivo, e um organismo homogêneo. Ele era

heterogêneo em termos de ideias o que é maravilhoso, mas homogêneo no respeito e nas relações interpessoais. Então, eu não senti muito essa cisão, eu não senti muito essa cisão, pra mim era algo bem unido e bem homogêneo, algo que se comportava muito bem. Como foi anteriormente não sei, mas pra mim foi ótimo. ...Uma excelente experiência!

ABV: Perfeito, e deixa eu lhe perguntar, houve algum professor ou disciplina que tenha sido se destacado na sua formação? Que tenha, vamos dizer assim, acendido a luzinha e falado: olha é por aqui mesmo.

RS: AHN, olha professor, eu, eu diria que tem tantos exemplos que o Bentão, que o Bento Quirino acabou me fornecendo que é difícil dizer um ou outro. Em termos do curso técnico, do curso técnico especificamente, com certeza o Jitsunori Tsuha¹ e o Jun Tanaka, são professores que, eles sempre tinham esse, esse apelo a ética e a responsabilidade e ao conhecimento verdadeiro do que é engenharia, e isto sem dúvida me ascendeu, nutria a alma enquanto profissional. Já a parte do ensino médio, que eu acho que nós não podemos deixar de falar, o senhor mesmo como professor de História² e como nos fazer pensar fora da caixa, e pensar muito além de um livro ou muito além de uma informação e isso é algo que eu utilizo todos os dias e todo mundo deveria, e a professora Suely Betanho, ahn, muito em relação a sua experiência de vida e a forma como ela transferia isso. Então, a Suely, também era uma professora que ela não passava só o português e redação, ela passava um pouco da experiência de vida, de uma maneira mastigada, digerida e isso também, ai a parte humana me fazia pensar muito. Então, o senhor com certeza e a querida professora Suely, ahn, tiveram um papel muito importante na parte pessoal e no curso técnico, sem dúvida, como atuação técnica, como responsabilidade, o professor Jitsunori Tsuha e Jun Tanaka.

ABV: Obrigado pela deferência Rafael. Deixe-me fazer mais um questionamento. Durante esse tempo que você teve aqui na escola, como é que você vê, a escola incentivava as inovações? Eh. Como é que você pensa isso?

RS: Com certeza. Com certeza. A escola sempre foi, sempre foi um celeiro de inovação, os professores sempre deram o máximo, principalmente com as iniciativas como Bentotec, que eu acho fantástico. Mega feira de ciências, digamos assim, onde você tem a

1 Consultar <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVer.php?cma=28>. Acesso em 01 de outubro de 2021.

2 Consultar <https://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVer.php?cma=141&vol=99> . Acesso em 01 de outubro de 2021

possibilidade, você tinha a possibilidade de criar os seus modelos, de criar e desenvolver x, y, z. Então sim, sempre foi um celeiro, um celeiro de oportunidades, um celeiro de criação. A escola, pra mim, foi isso. Isso que ela demonstra. Até usando aquele modelo. Ela é homogênea e heterogênea em ideias e na possibilidade de você se desenvolver. Então sim, é um celeiro. Inclusive, ahn, até um comentário, deveria ser mais incentivado por outros órgãos. A escola incentiva muito, até mais do que o limite dela, outros órgãos deveriam incentivar também. Essa é minha opinião como cidadão.

ABV: Perfeito, Rafael. Mais uma perguntinha Rafael. Antes da gente começar a gravar, na nossa conversa prévia aqui, você estava falando um pouco do seu desempenho profissional, né? Eu gostaria, se possível, que você fizesse um esforço de rememoração, de como é que foi a sua trajetória profissional.

RS: Perfeito. Eh, a minha trajetória profissional ela é um pouco, ela tem alguns percalços, eu acho como todas as trajetórias, alguns percalços curiosos até. Ahn, como comentado, sai do curso técnico, fiz um pequeno estágio para tirar, na época era o CREA-técnico, hoje já não existe mais esse CREA-técnico, é um outro certificado, ao qual eu carrego até hoje, mas, bem..., ai eu estava na UNICAMP. Ok. UNICAMP, Matemática Aplicada, quando eu estava para me formar, eu estava fazendo, eh,... eu estava cursando Matemática Aplicada e já fazendo o mestrado junto para tirar tudo em cinco anos, compactar tudo em 5 (cinco) anos. O problema foi que, devido a uma questão familiar, toda a minha renda foi cortada e eu tive que cair no mundo profissional. Nessa linha, eu arranjei um emprego em uma escola de informática para dar aulas de informática e eu iniciei uma Faculdade de Ciência da Computação, que era algo que, daria maior teor profissional, maior esteio profissional, logo dinheiro, o que eu precisava para sustentar a minha casa, e, nisso, ahn, fiquei 6(seis) a 8 (oito) meses dando aula de informática e comecei a cursar o Curso de Ciência da Computação. Uma faculdade paga, ahn, e como tinha, já tinha vindo da UNICAMP, já tinha um preparo muito elevado, um preparo bem alto em termos educacionais, fiz uma prova de bolsa, tirei 100% (cem por cento). ok. Então, estava cursando uma faculdade gratuita e dando aulas de informática para pagar as coisas de casa. Foi ai que eu me inscrevi em um processo de estágio da empresa Robert Bosch e consegui passar nesse processo de estágio. Dentro desse processo, segui o curso de ciência da computação e me formei na ciência da computação e no estágio, terminei o estágio e consegui uma vaga como efetivo na Robert Bosch. A partir daí, eu tinha 24 (vinte e quatro) anos de idade, ahn, a Bosch, naquela época, tinha um projeto para, eh, ela tinha uma ideia de implantar no Brasil uma unidade de engenharia de projetos avançados e aplicações especiais de segurança

eletrônica. Eu pleiteei essa vaga e consegui uma vaga de gerente nessa área. Então, na Bosch eu fui gerente da América Latina da Divisão de Sistemas de Segurança Eletrônicos para projetos avançados e aplicações especiais. Passado um tempo, nessa área, nessa vaga, ahn, eu senti a necessidade de me desligar da Bosch e criar a minha própria empresa. Não porque eu tivesse qualquer problema com a Bosch, mas porque eu queria voltar também, sair um pouco de segurança eletrônica que é maravilhoso, mas é um ramo limitado até certo ponto e voltar a engenharia. Voltar à engenharia, voltar ao desenvolvimento, voltar à Matemática, e assim foi o que eu fiz. Ahn, eu pedi minha demissão da Bosch em 2013 (dois mil e treze) para 2014 (dois mil e quatorze), e abri minha empresa, Solinski Corp., que começou como uma empresa de consultoria. Então, nós começamos como consultoria em sistemas de segurança, praticamente sistemas Bosch, dada a experiência legada da minha profissão em si, do meu cargo, e nós fomos abrindo os leques da consultoria. Sistemas de Segurança, depois engenharia elétrica, engenharia de telecomunicações, e com o tempo, com o caminhar demos mais alguns passos e fomos agregando colaboradores e nós começamos a desenvolver projetos. Então, não só consultorias como projetos, sistemas de segurança, eletrotécnica e telecomunicações, telemática e é o ponto que nós estamos. Então, hoje nós estamos um pouquinho mais, depois de oito anos de empresa, nós estamos. Continuamos forte com a consultoria, é o nosso coração, o nosso DNA. Somos um escritório de projetos, parte de engenharia elétrica e engenharia de telecomunicações e engenharia de segurança eletrônica e temos a parte de execução também. Temos a nossa própria equipe de execução e diversos clientes pelo Brasil e inclusive de fora do país. Até porque nós já fizemos projetos, por exemplo, para a Bosch da Polônia, para a Bosch da Alemanha e também pro Chile. Então, essa é a minha caminhada e minha jornada e vamos, vamos ver o que o futuro nos reserva.

ABV: Rafael, como foi, eu estava pensando aqui, você tinha uma boa posição na ,..., na Bosch, é uma empresa grande. Como foi ter a coragem, éh, eu não sei se é o termo, se o termo coragem é o mais adequado. Mas como foi ter esse start, de falar olha, vou criar a Solinski Corp? O que eu estou perguntando é assim: gerou ansiedade, receio, como é que você trabalhou com todas essas dimensões?

RS: Com certeza, com certeza. Foi, ..., foi bem ,..., no começo foi algo não... Acho que o importante é citar a verdade, foi muito estressante, foi preocupante, e, eu diria que é um ato de coragem e também um ato de esperança, porque você acaba,..., quando cria uma entidade, cria um corporação que seja de uma pessoa, ou dez mil pessoas ou mais, o começo, você sempre tem uma ato de esperança. Então, quando eu comecei a Solinski

Corp, não comecei pensando nela como está hoje, então eu comecei com pequenos passos. Tanto que quando eu abri o meu CNPJ não tinha cliente, nenhum, eh, não tinha nada. Eu tinha só a esperança, o conhecimento técnico, o conhecimento da massa técnica e a esperança de que aquilo fosse funcionar. Então, sim, foi uma () um conjunto bem discrepante de emoções. Eh, geralmente nesses primeiros meses que você está sozinho, então você olhar para trás, você olha pra Bosch com cartão corporativo, praticamente sem limite, secretária, orçamentos, toda uma estrutura corporativa, e ai você olha pra você, na mesa da sua sala, da sua cozinha com um notebook, e você fala: Meu Deus, será que eu fiz a escolha certa? Mas ai, a esperança que te nutre, a esperança que te joga pra frente e ai a coisa caminha, professor. Eu acho importante assim, poxa, eu também não dei esse passo de uma maneira só com a fé. Então, eu não peguei, achei que ia dar certo e joguei, eu acho que eu achei que ia dar certo, mas eu fiz um colchão financeiro, eu tinha uma estrutura financeira, eu economizei muito para dar esse passo. Então, eu sabia, por exemplo, que se dentro de 6 (seis) meses não caísse um cliente, não caísse nada, ahn, eu voltaria pro corporativo, eu voltaria pro CLT, que eu não acho problema nenhum, mas acabou que do terceiro para o quarto mês, veio o primeiro cliente. Aí, nós fizemos uma parceria com uma outra empresa, veio mais um projeto, um outro projeto daqui, um outro projeto dali, e a coisa. A empresa foi decolando, foi trilhando seu caminho. Chega uma hora em que as coisas engrenam e ai o caixa engrena, o RH engrena e tudo funciona, mas no começo é um ato de coragem, um pouquinho de loucura e esperança. Rsrssrs

ABV: E você era bastante jovem quando você iniciou a empresa.

RS: Eu tinha 25 (vinte cinco) para 26 (vinte seis) anos

ABV: Perfeito. Rafael, há algum tema que você gostaria de estar destacando, um tema que você julgue importante e que a gente não tenha mencionado nessa (...) até esse momento?

Pausa (Perda de Conexão)

RS: Professor, desculpe, deu uma cortada.

ABV: Ah, eu vi mesmo que deu. Não, eu estava falando, eh, se há algum tema, alguma coisa que você julgue que seja bastante significativa para a gente menciona e que a gente não tenha mencionado até esse momento?

RS: Ahn, bom, eh, eu acho que a parte mais importante que nós comentamos muito do colégio Bento Quirino em si, e talvez o que eu fale seja chover no molhado, mas eu acho que esse chover no molhado é sempre importante continuar chovendo. Ter boas instituições de ensino, bons professores e principalmente conseguir aproveitar isso em um país como o nosso, é uma benção é uma oportunidade de ouro. Então, eu julgo que pra todos os pré-adolescentes ou até mesmo as crianças seria muito importante que fosse feito um trabalho, claro a partir dos pais em si, mas que essas crianças e pré-adolescentes, adolescentes no caso do Bento Quirino, reconheçam o cenário que eles estão e o quanto proveitoso isso pode ser. Porque é um período muito bom da vida, é um período que dificilmente é um período difícil, (rsrsrsrs) é um período que dificilmente é um período difícil, é um período maravilhoso, é um período de aprendizagem de novas experiências, e que, quando você está nisso e está num colégio desse nível, que tem esse nível de corpo docente, que tem esse nível de possibilidades, sejam elas de interpessoal seja de aprendizado técnico, seja aprendizado laico, ou comum, ahn, em tudo isso é muito bom e isso deve ser aproveitado ao máximo. Eu diria que instituições, não só como o colégio técnico Bento Quirino, como outras, felizmente como outras, elas são como um néctar de conhecimento, como um néctar de vivências. Então, pra quem puder, pra quem está cursando ou pretende cursar, aproveite ao máximo, sugue esse néctar, utilize os professores, tenha essa interação porque é algo que fica pra sempre e é algo que é utilizado a todo momento na vida de cada um de nós.

ABV: Rafael, muito obrigado pelo seu depoimento, pela sua memória, pelo tempo que você disponibilizou pra gente, e fica o convite: eh, voltando, nós superando essa fase terrível de isolamento, por conta da pandemia, venha nos visitar, rever o Centro de Memória da Escola, e que agora você vai ser incorporado como acervo.

RS: Rsrssrs, Que bom! Rsrssrs. Fico feliz professor, fico feliz. É uma, com certeza é estranho falar colégio técnico Bento Quirino, é o Bentão, ele é carregado no meu coração também, e todos vocês, é lógico. A escola não é só, a escola não é concreto, a escola são pessoas. Então, com toda certeza, todos os alunos carregam um pouco de cada uma de vocês ai no coração, sem dúvidas.

ABV: Obrigado, Rafael.

Descritores

História oral na educação
Escola Técnica Estadual Bento Quirino
Colégio Técnico Bento Quirino
Técnico em Comunicações
Técnico em Eletrotécnica
Consultoria
Telemática
Ética Profissional
Responsabilidade Profissional
Comportamento humano profissional
Comportamento de relacionamento interpessoal
Ciência da Computação
Matemática
Matemática Aplicada
Ensino Médio
Liberdade de expressão
Aulas práticas
Segurança do Trabalho
Estágio
Celeiro de ideias
Escola de Informática
Segurança eletrônica
Sueli Betanho
Jun Tanaka
Jitsumori Tsuha
Bentotec
Américo Baptista Villela
Rafael Solinski
Ensino Profissional
Eletrotécnica
Inovação
Ética Profissional
Empreendedorismo

Dados Biográficos do Entrevistado



Rafael Solinski nasceu em dezesseis de março de mil novecentos e oitenta e oito e é natural de Valinhos, estado de São Paulo. Possui graduação em Ciência da Computação pela Faculdade Anhanguera de Valinhos (2012), especialização em Gestão em TI pela Faculdade Anhanguera de Valinhos (2015), técnico-profissional pela ETE Bento Quirino (2006) e mestrado profissionalizante em Engenharia Elétrica e Telecomunicações pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2014). Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Matemática da Computação. Como profissional, após atuar na empresa Robert Bosch nas áreas de engenharia de projetos avançados e aplicações especiais de segurança eletrônica. E ser gerente da América Latina da Divisão de Sistemas de Segurança Eletrônicos para projetos avançados e aplicações especiais, resolveu criar sua própria empresa: a Solinski Corp.

Dados Biográficos do Entrevistador



Professor Américo B Villela em Sala de Aula da ETEc Bento Quirino, em 1994.

Fotografo: Aluna Lis Peres

Américo Baptista Villela é professor da ETEc Bento Quirino e historiador lotado no Museu da Cidade em Campinas. Nascido em 11 de março de 1970, é natural de Jaboticabal, São Paulo, onde cursou o ensino médio pela manhã e o técnico em Contabilidade no período noturno na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Aurélio Arrobas Martins”. Concluído o ensino médio, ingressou no curso de História da Universidade Estadual de Campinas onde obteve os títulos de bacharel e licenciado em História no ano de 1991. Em 1996, retornou à pós-graduação em História na mesma universidade, iniciando o mestrado com o projeto “Os (des) caminhos da cultura: política cultural e memória em Campinas”, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari. Em 1997, foi forçado a interromper os estudos, obtendo o título de especialização em História Social. Em 2008, retorna à pós-graduação, agora na Faculdade de Educação da Unicamp ingressando no mestrado e obtendo o título de mestre em 2011 com a defesa da dissertação 18 “O instituto profissional masculino Bento Quirino: uma visão social ideológica, maçônica, industrial e republicana”, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho. No mesmo ano, cursa a especialização em “História da África e das culturas afro-brasileiras” tendo como temática “Da legalidade a realidade: A questão africana em sala de aula”, sob orientação do Prof. Dr. Acácio Almeida apresentando o ensaio A lei, ora a lei...: uma análise da aplicação da lei 10.639 na Etec Bento Quirino em campinas, que foi publicado posteriormente na obra “Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem”. 1ed.Campinas: Pontes, 2013, v., p. 107-130. Organizada por Monari Evelyn Belo, Eraldo Leme Batista e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. Endereço plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2252310371562744>

Anexo (documento sigiloso e não ficará aberto online ao público):

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Rafael Solinski